

DEUS EM BITS E PIXELS: UMA ANÁLISE DAS INTERAÇÕES COMUNICACIONAIS EM RITUAIS ONLINE CATÓLICOS

Moisés Sbardelotto¹

Resumo: Por meio das tecnologias digitais, configura-se um novo tipo de interação comunicacional fiel-Igreja-Deus, em uma experiência religiosa online. Esse fenômeno é ilustrado, na prática, por inúmeros serviços religiosos no ambiente católico online, que manifestam novas modalidades de discurso e de prática religiosos, fora do âmbito tradicional do templo – o que aqui chamamos de rituais online –, marcadas por um processo de mediação. Neste artigo, portanto, repassaremos primeiramente conceitos-chave para a compreensão desse fenômeno como sistema e interação. Examinaremos, em seguida, em sites católicos brasileiros, configurações comunicacionais da experiência religiosa a partir de três âmbitos: interface interacional; interações discursivas; e interações rituais. Por último, apresentaremos pistas de conclusão sobre o que a religião em mediação revela acerca da mídia e sobre que religião nasce a partir do ambiente online.

Palavras-chave: Internet; Interação; Religião; Rituais online

GOD IN BITS AND PIXELS: AN ANALYSIS OF COMMUNICATIONAL INTERACTION IN CATHOLIC ONLINE RITUALS

Abstract: Through digital technology, a new type of communicational interaction between member-Church-God configures itself in a religious online experience. This phenomenon is noticed in many religious services in the Catholic online environment, which reveals new modalities of religious speech and practice, outside the traditional temple's extent – what we call here online rituals– marked by a process of mediatization. Thus, in this article we first reread key concepts for understanding this phenomenon as a system and interaction. Next, we will examine communicational configurations of religious experiences in Brazilian Catholic websites from three ambits: interactional interface, discursive interactions, and ritual interactions. Finally, we will present some conclusive clues about what does religion in mediatization reveal about media and what religion is born from the online environment.

Keywords: Internet; Interaction; Religion; Online rituals

¹ Mestre e doutorando em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Bolsista do CNPq. Possui graduação em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: msbardelotto@yahoo.com.br

Existe hoje, por meio das tecnologias digitais e da internet, a configuração de um novo tipo de interação comunicacional fiel-Igreja-Deus. Com o surgimento dessa nova ambiência social, estabelece-se uma interação entre o fiel, por meio da internet, com elementos do sagrado² disponíveis na internet, o que possibilita uma experiência espiritual-religiosa³ por meio da rede. As pessoas passam a encontrar uma oferta da fé não apenas nas igrejas de pedra, nos sacerdotes de carne e osso e nos rituais palpáveis, mas também na religiosidade existente e disponível nos bits⁴ e pixels⁵ da internet. O fiel, onde quer que esteja, quando quer que seja – diante de um aparelho conectado à internet –, desenvolve um novo vínculo com o transcendente, e um novo ambiente de culto no interior da rede.

Todo esse fenômeno é ilustrado pela existência, no ambiente católico, de inúmeros serviços religiosos online que oferecem possibilidades para a prática religiosa e para a manifestação de novas modalidades de discurso religioso, fora do âmbito tradicional do templo, ressitoados e ressignificados nas chamadas “capelas virtuais” dos sites católicos. Nesses ambientes, são inúmeros os serviços oferecidos: aquilo que aqui chamamos de rituais online, em que o fiel experiencia a sua fé e interage, por meio do sistema comunicacional online, com Deus. Deus se faz digital, a religiosidade passa a ser vivida de modo online, o fiel se conecta com o sagrado mediado pela internet: a fé praticada nos ambientes digitais aponta para uma mudança na experiência religiosa do fiel e da manifestação do religioso.

Se a comunicação midiática (suas lógicas, seus dispositivos, suas processualidades) está em constante evolução, a religião, ao se apropriar daquela, também acompanha essa evolução e é por ela impelida a algo diferente do que tradicionalmente era. As lógicas que fundamentam as práticas religiosas do fiel na internet encontram-se marcadas por um processo de midiatização, ou seja, as mídias não são mais apenas extensões dos seres humanos, mas sim o ambiente no qual tudo se move: um novo “bios virtual”, um “princípio, um modelo e uma atividade de operação de inteligibilidade social” (GOMES, 2010, p. 21).

Essa “nova ambiência” (GOMES, 2010, p. 20) para a construção de sentido social e pessoal por meio das mídias foi antevista, de certa forma, por McLuhan (1964, p. 10), ao afirmar que “toda tecnologia gradualmente cria um ambiente humano totalmente novo”, ambientes que “não são envoltórios passivos, mas processos ativos”. Em suma, “a sociedade percebe e se percebe a partir do fenômeno da mídia, agora alargado para além dos

² Por sagrado, entendemos a “dimensão de imanência e transcendência” (BOFF, 2002), o “Totalmente Outro” (BOFF, 2002), o “*superior summo meo*” (superior a tudo, sempre maior) (BOFF, 2002), o “*numinoso*” (do latim numen = divindade) (MARTELLI, 1995).

³ Entendemos por experiência religiosa “uma relação interior com a realidade transcendente” (MARTELLI, 1995, p. 135). Para Leonardo Boff (2002, p. 39), experiência é a “ciência ou o conhecimento que o ser humano adquire quando sai de si mesmo (ex) e procura compreender um objeto por todos os lados (peri)”, “objeto” que, na experiência religiosa, é o sagrado.

⁴ Segundo a Wikipedia (<<http://pt.wikipedia.org/wiki/Bit>>), um bit (BInary digiT) é a menor unidade de informação que pode ser armazenada ou transmitida e pode assumir somente 2 valores: 0 ou 1, verdadeiro ou falso.

⁵ Segundo a Wikipedia (<<http://pt.wikipedia.org/wiki/Pixel>>), pixel (Picture e Element) é o menor elemento de imagem em um dispositivo de exibição (como por exemplo um monitor), ao qual é possível atribuir-se uma cor.

dispositivos tecnológicos tradicionais” (GOMES, 2008, p. 21). Como amplo fenômeno social, a religião também é embebida por esses mesmos protocolos. Hoje, o religioso já não pode ser explicado nem entendido sem se levar em conta o papel das mídias. Por isso, é relevante analisar o que a religião em uma sociedade em midiatização revela acerca da mídia e, por outro lado, perceber que religião nasce da mídia.

Neste artigo, primeiramente analisaremos alguns conceitos-chave para a compreensão desse fenômeno, a partir das ideias de sistema, interação, interface, discurso e ritual. Analisaremos, em seguida, em sites católicos brasileiros, as novas configurações comunicacionais da religião (em termos de interface interacional, interações discursivas e interações rituais). Por último, apresentaremos pistas de conclusão sobre o que a religião em uma sociedade em midiatização revela acerca da mídia e sobre que religião nasce a partir do ambiente online.

Religião em midiatização: complexidades tecnocomunicacionais

Em um processo de midiatização do fenômeno religioso, começam a surgir novas modalidades de experiência da fé a partir do deslocamento das práticas religiosas para a ambiência comunicacional da internet. “As pessoas estão fazendo de forma online grande parte daquilo que fazem offline [também em termos religiosos], mas o fazem de forma diferente” (DAWSON; COWAN, 2004, p.1, tradução livre).

Essa religião midiática, portanto, passa a ser praticada pela e nas mídias, processo no qual se manifesta uma dimensão atorizada, em que a construção do sentido religioso passa cada vez mais pelas mãos dos indivíduos e cada vez menos pelas mãos das instituições. Operam-se políticas de contato entre o sagrado e os fiéis, com base em estratégias midiáticas. Tais estratégias interacionais “não só são atravessadas pelas lógicas e referências da cultura dos media, mas se apropriam de algumas de suas regras, gêneros, operações e ‘leis’, para, a partir daí, instituir [...] novas formas de religiosidades” (FAUSTO NETO, 2004, p. 58). Por isso, as religiões hoje se fazem “muito mais pela mediação das estratégias de produção de sentido midiático e dos seus efeitos” (FAUSTO NETO, 2004, p. 53). “Deus deixa de ser uma contemplação, e se torna o personagem capturado pelo que propõe a enunciação na forma de objetos, linguagens, emoções e de novos vínculos” (FAUSTO NETO, 2004, p. 55).

Portanto, analisamos aqui um fenômeno que se encontra em uma interface do sistema comunicacional com um amplo âmbito social, o sistema religioso, interface que se dá em um processo criativo, contínuo e complexo, que deve ser analisado em “sua totalidade, com suas relações, conexões e interconexões” (GOMES, 2009, p. 13). Ou seja, não visamos a analisar objetos concretos e separados, mas sim suas interações (ver MANOVICH, 2000). Entendemos por interação uma ação-entre. “Interações são ações recíprocas que modificam o comportamento ou a natureza dos elementos, corpos, objetos ou fenômenos que estão presentes ou se influenciam” (MORIN, 1997, p. 53). São as ações, retroações e transações entre fiel-sistema para a construção de sentido religioso. Por meio dessas transações, fiel e sistema se comunicam.

Por isso, partimos do conceito de sistema, “um complexo de elementos em interação” (BERTALANFFY, 1977, p. 84). Morin (1997, p. 100) concebe esse conceito como “unidade global organizada de inter-relações entre elementos, ações ou indivíduos”, que possui algo mais do que a soma de seus componentes: “a sua organização; a própria uni-

dade global (o ‘todo’); as qualidades e propriedades novas emergentes da organização e da unidade global” (MORIN, 1997, p. 103). Assim, valemo-nos dessa definição para analisar os sites católicos como sistema católico online, e a religião em geral como um macrosistema ou sistema religioso, do qual os sites são uma micromanifestação.

Como a interação fiel-sistema não está dada nem ocorre automaticamente, mas depende de complexos dispositivos, analisaremos agora em nosso corpus específico – “as velas virtuais” – três âmbitos que favorecem esse vínculo e experiência religiosos: a interface (as materialidades gráficas dos sites), o discurso (coisa falada e escrita) e o ritual (operações, atos e práticas do fiel), que vão conhecendo novas possibilidades e limites.

Interface interacional: o sagrado em novas materialidades

Antes mesmo de qualquer interação online possível entre fiel-sistema, existem alguns elementos técnicos e simbólicos que moldam esse vínculo e também ajudam a construir o sentido religioso dessa experiência de fé. Aqui ocorre uma interposição da técnica, claramente manifestada na interação entre fiel e sites católicos, pela presença de elementos tecnológicos e simbólicos que estão a serviço das interações propriamente ditas, que ocorrem no interior do sistema católico online.

Por meio de instrumentos e aparatos físicos (tela, teclado, mouse) e simbólicos presentes na linguagem computacional e online (navegadores, menus, ambientes), o fiel “manipula” o sagrado ofertado e organizado pelo sistema e navega pelos seus meandros. Interface, portanto, é o código simbólico que possibilita a interação fiel-sistema e também a superfície de contato simbólico entre fiel-sistema. É por meio da interface que o fiel interage com o sistema: este informa ao usuário seus limites e possibilidades, e aquele comunica ao sistema suas intenções. Analisaremos aqui quatro níveis de interface interacional: 1) a tela; 2) periféricos como teclado e mouse; 3) a estrutura organizacional dos conteúdos; e 4) a composição gráfica das páginas dos rituais online.

Em um primeiro nível de interface interacional, o fiel se conecta ao sistema através de uma tela: é por meio dela que o sistema fala e mostra ao fiel, e, por meio dela, o fiel imerge nesse “amplo mar” de navegação. A tela exige a total atenção do usuário ao que se encontra dentro de sua moldura, ignorando o espaço físico “do lado de fora”: nesse sentido, ela filtra e torna inexistente tudo o que não se encontra dentro do seu marco. A tela também se torna uma janela de acesso ao sagrado, como no link “Adoração ao Santíssimo”⁶ da “Capela Virtual” do site das Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus⁷. Nesse ambiente, após uma animação automática que exhibe o acendimento das velas e a abertura da portinhola do sacrário⁸, o sistema mostra ao fiel uma imagem do espaço físico de uma capela do mundo offline, e, à frente, o ostensório⁹ que exhibe a hóstia consagrada (figura 1).

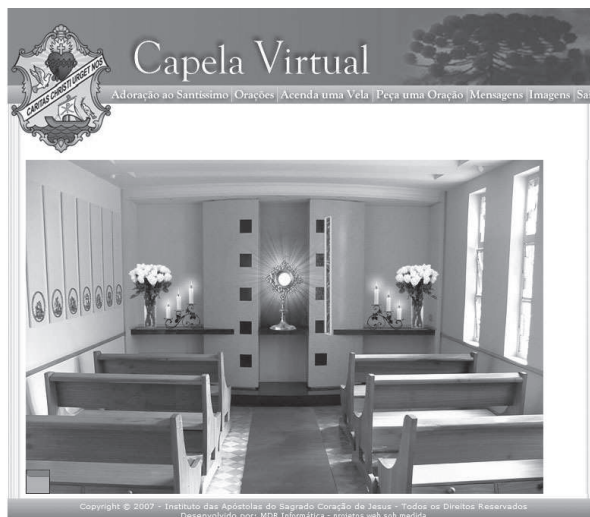
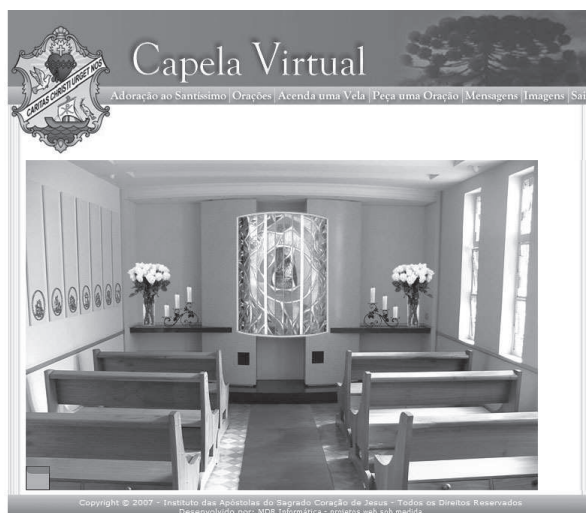
⁶ Disponível em <<http://www.apostolas-pr.org.br/capela/capela.htm>>. Acesso em: 5 mai. 2012.

⁷ Disponível em <www.apostolas-pr.org.br>. Acesso em: 5 mai. 2012. Província do Paraná do Instituto das Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus, congregação religiosa presente nos Estados do Sul do Brasil e o Mato Grosso do Sul, além de quatro países da América Latina (Argentina, Chile, Paraguai e Uruguai).

⁸ Pequeno armário sobre o altar ou em local separado dentro das Igrejas em que são conservadas as hóstias (partículas de pão) consagradas, que, para os católicos, são o corpo de Cristo.

⁹ Objeto litúrgico em que se expõe a hóstia consagrada.

Figura 1 — Página do ritual “Adoração ao Santíssimo” do site das Apóstolas



Diante dessa tela, o fiel concede ao sistema a “permissão” de dirigir o seu olhar, em “adoração”, à hóstia. Conectado ao sistema, o fiel olha para aquilo que este lhe permite ver. Os ambientes digital e físico parecem coincidir, visto que o fiel se sente presente na capela, e a técnica pode transparecer para o usuário: a tela pode “desaparecer” para o fiel, a partir do momento em que ele só vê o (e só se vê no) ambiente online. Quanto mais eficaz for a interface comunicacional, mais eficaz será essa sensação, e mais transparente a técnica se tornará. Instaura-se, assim, uma

nova forma de presença: uma “telepresença”, cuja essência é a não presença, a “antipresença” (ver MANOVICH, 2000): não é necessário que o fiel esteja lá fisicamente para estar lá digitalmente.

Em um segundo nível de interface interacional, isto é, com a ajuda dos demais periféricos como teclado e mouse, o computador se torna “um ser inteligente capaz de se engajar conosco em diálogo” (MANOVICH, 2000, p. 94, tradução livre): é por meio deles que o fiel se comunica com o sistema e manifesta a sua presença em seu interior. Por meio de um clique, o cursor possibilita que o fiel manuseie o sagrado digitalizado. Aqui também, a técnica transparece para o usuário: por não poder se ocupar de incontáveis tarefas ao mesmo tempo, o fiel-internauta precisa automatizar algumas delas para que outras possam ser controladas eficientemente.

Em um terceiro nível de interface interacional, encontra-se a organização e a estrutura dos conteúdos de sagrado ofertados ao fiel-usuário. Como quaisquer outras páginas da internet, os sites católicos também são marcados pela estrutura organizacional de menu-catálogo, que permite a seleção e o acesso a itens específicos dentro de um grande banco de dados: por meio dessa estrutura, o sistema indica ao fiel um mapa de navegação, e o fiel, interpretando-o de acordo com seus desejos e interesses, navega em seu interior. Ou seja, o fiel recebe do sistema uma certa influência sobre o acesso à informação e um certo grau de controle sobre os resultados a serem obtidos. O fiel se encontra diante de uma lógica da seleção, que leva a uma nova forma de controle por parte do sistema. O que a internet permite é uma determinada forma de organizar os conteúdos religiosos, promovendo que os dados sejam buscados e encontrados rapidamente nessa vastidão de informações. O fiel, por sua vez, seleciona determinadas coisas em um número pré-definido de menus, desencadeando um processo que já estava programado pelo programa, ou sistematizado pelo sistema.

No quarto nível de interface interacional, temos a composição gráfica das páginas. Na “Capela Virtual” do site A12 (www.a12.com), assim que se acessa a página, uma imagem de Nossa Senhora Aparecida surge automaticamente, em um movimento de zoom crescente do fundo do quadro da “Capela Virtual”, até preencher o centro dessa moldura (figura 2).

Figura 2 — Página inicial da “Capela Virtual” do site A12



Uma aura de brilho acompanha a imagem animada, enquanto cinco mãos surgem da parte inferior da imagem. Ao pairar sobre as mãos, a imagem derrama pontos de luz, remetendo às bênçãos e graças que “descem” da santa. Dessa forma, o sistema faz uso de novas processualidades e de um “texto” mais complexo para fomentar a sensação de sagrado por parte do fiel, dizendo-lhe que a “capela virtual” é um ambiente em que Nossa Senhora Aparecida se faz presente e se coloca acima para “derramar” suas bênçãos.

Todos esses elementos são marcados pela fluidez: qualquer elemento gráfico pode ser modificado, substituído ou simplesmente deletado do sistema com um simples comando computacional. Além disso, por meio da composição gráfica da interface interacional, o fiel se relaciona com elementos de sagrado (como a imagem de Nossa Senhora ou as “velas virtuais”) codificados e digitalizados, ressignificados para o ambiente online: se relaciona, em suma, com números (ver LÉVY, 1999).

Além da interface, a manifestação midiaticizada do sagrado e sua experiência online também é possibilitada pelo discurso e pela narrativa digitais do fenômeno religioso construídos por meio da internet, como veremos a seguir.

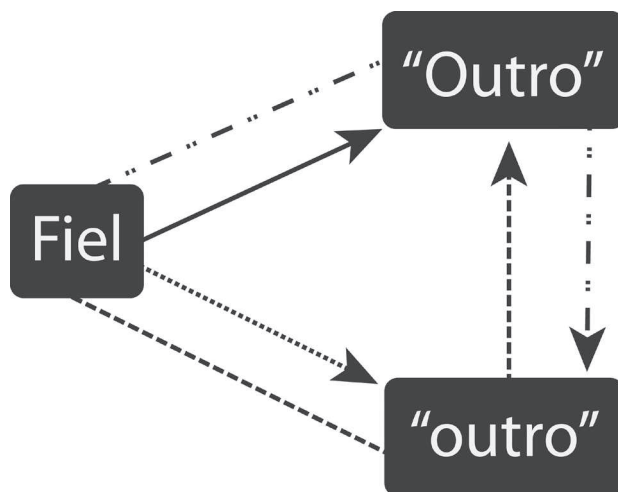
Interação discursiva: novas narrativas sobre o sagrado

A Igreja também se faz presente na internet como um complexo dispositivo para a sua evangelização, para a construção de sentido religioso em contato com o fiel. Esse contato passa pelo discurso, pela narração da fé. É por meio do discurso que se gera o sentido religioso nos sites católicos. Chamamos aqui de discurso uma “realidade material de coisa pronunciada ou escrita”, nas palavras de Foucault (2008, p. 8), o fluxo constante de construção de sentido religioso por meio da linguagem nas páginas dos sites e das trocas comunicativas e conversas simbólicas que se estabelecem entre sistema e fiel. O discurso textual, assim, é a cristalização e a sedimentação de uma interação que ocorreu entre ambos: nele encontramos as marcas que nos indicam como se deram essas trocas comunicativas (ver SCOLARI, 2004).

Para isso, o internauta precisa ser “assediado” frequentemente pelo sistema para tomar uma decisão de interação. Precisa decidir até onde quer ler, por quanto tempo, para onde se dirigirá depois etc. Nesse sentido, o sistema convida o fiel à experiência religiosa por meio de um discurso explícito direcionado a ele. No caso do site A12, a página inicial remete ao ritual das “Velas Virtuais”, indicando: “Vela Virtual: Suas intenções aos pés de Maria. *Acenda* a sua” (grifo nosso). É esse “mandado” de acender a vela (a “sua” vela) que leva o fiel a se deslocar da página inicial do site ao ambiente específico da “Capela Virtual”.

Por outro lado, no discurso criado pelo fiel, encontra-se a presença de uma rede visível de interações, realizadas e estimuladas no interior do sistema a partir de três atores: o “fiel” (propriamente o internauta orante, intercessor etc.); um “outro” (por quem o fiel intercede, tornando-se também mediador, ou a quem o fiel se dirige para que interceda por ele – como outro fiel internauta); e um “Outro”, o destinatário último (Deus, Nossa Senhora ou os santos) (figura 3).

Figura 3 — Diagrama das interações discursivas em rituais online



O diagrama acima mapeia esses fluxos de forma gráfica: a interação discursiva “fiel-Outro”, dirigindo-se a Deus representada pela linha contínua; a interação discursiva “fiel-outro”, com os demais internautas, representada pela linha pontilhada; a interação discursiva “fiel-outro-Outro”, quando o fiel solicita a intercessão de outro internauta ou de um mediador do sistema para chegar a Deus, representada pela linha tracejada; e a interação discursiva “fiel-Outro-outro”, em que o fiel intercede e se torna mediador, via sistema, diante de Deus por outra pessoa, representada pela linha tracejada e pontilhada.

Nesses casos, o fiel aceita o contrato interacional ofertados pelo sistema e também “oferta” ao sistema a sua recriação do sagrado. Essa transposição da oração pessoal para um discurso construído no interior do sistema comunicacional católico online não é apenas uma mudança de forma, mas também de construção de sentido e de experiência religiosa. Quando o texto se torna código, dígito, são possíveis dois processos, segundo Kerckhove (2009), chamados por ele de descontextualização e recombinação. Primeiro, o texto se liberta do contexto. Os conteúdos são ofertados de uma certa forma por parte do sistema, mas, no momento da apropriação do fiel, são todos códigos independentes que, interconectados por ele, formam um novo sentido. Essa descontextualização, por sua vez, é o que permite a recombinação. Assim, o indivíduo pode “analisar (fragmentar) a matéria e a linguagem [religiosos], dividir (descontextualizar) segmentos úteis, e depois combin[á]-los (recombinação) com outros segmentos” (KERCKHOVE, 2009, p. 219).

Por fim, além da interface e do discurso, a interação entre fiel-sagrado também ocorre quando o internauta opera e age sobre esse sagrado, fazendo coisas que o levam a Deus, que analisaremos agora.

Interação ritual: novas ritualidades ao sagrado

O que percebemos na experiência religiosa online é um deslocamento de algo até então celebrado no templo físico – como as velas de cera – para o ambiente online, o que favorece o surgimento de novas ritualidades digitais. Manifesta-se não apenas uma liturgia assistida pela mídia, mas também uma liturgia centrada na mídia, já que esta também oferece modelos para a vivência, o espaço e o imaginário litúrgicos. Compreendemos, assim, os rituais online como atos e práticas de fé desenvolvidas pelo fiel em interação com o sistema para a busca de uma experiência religiosa. “O ritual [online] esclarece mecanismos fundamentais do repertório social” (PEIRANO, 2001, p. 14), que não são apenas formas de lidar com o sagrado disponível na internet, mas sim verdadeiras formas de pensamento e de existência na era das mídias digitais. Podemos destacar, a partir de nossas observações, duas formas de interação ritual online: as interações rituais de fechamento e as interações rituais de abertura, que serão brevemente explicadas.

Nas interações rituais de fechamento, o fiel, conectado ao sistema, receberá dele os elementos necessários para vivenciar sua experiência religiosa. Ou seja, o fiel cumpre um contrato previsto pela oferta apenas fazendo uma operação de “ativação” de determinado ritual. O fiel interage com o sistema católico online que tende ao fechamento, ou seja: o sistema não é irritado pelo fiel, não é afetado, nem transaciona (só oferta) conteúdo religioso com ele. Esse processo de fechamento leva o sistema a estar “isolado do seu ambiente”, como um sistema fechado, no qual “o estado final é inequivocamente determinado pelas condições iniciais” (BERTALANFFY, 1977, p. 64), como no caso do “Terço Virtual” (<http://migre.me/4oXvz>), da “Capela Virtual” do site A12 (figura 4).

Figura 4 — Oração do “Terço Virtual” na “Capela Virtual” do site A12



Assim, de clique em clique (“Anterior” e “Próximo”), que remetem o fiel às orações, o fiel vai manuseando o terço digital, em que até mesmo o texto das orações aparece automaticamente, a imagem do terço é aproximada, e um círculo azul surge ao redor da “conta” do terço em que o fiel se encontra, para facilitar a localização. Essa sensação de toque, de tato, reforça também a sensação de sagrado, criada pelo sistema, alimentada ainda mais pelas vozes do áudio, que rezam as orações junto com o fiel, criando, para este, uma “comunidade” de oração online: ele não está rezando sozinho.

Na segunda modalidade, as interações rituais de abertura ocorrem quando o fiel não apenas se conecta ao sistema e se apropria do que lhe é oferecido (como na reza do terço), mas também interfere nesse sistema, insere matéria religiosa em seu interior. Assim, provoca-se uma desestabilização do sistema do seu ponto original. São interações rituais em que o sistema abre-se para a interferência (construção simbólica) do ambiente (fiel) em seu interior. Essa modalidade de interação ritual ocorre, por exemplo, nas chamadas “velas virtuais”. O fiel, acessando o link específico das velas, preenche seus dados pessoais em um formulário e inclui seu pedido de oração. O texto do fiel, após o envio das informações ao sistema, passa a aparecer na página do serviço. Agora, o fiel tem acesso ao interior do sistema, interfere nele e deixa ali a sua marca. O sistema abre-se a esse fiel, permite (ou convida, ordena) a interação – dentro de suas regularidades.

O processo de abertura do sistema por meio das interações rituais se manifesta ainda como uma reconstrução dos próprios conteúdos religiosos do sistema. Embora o fiel não tenha acesso ao software que comanda o sistema, sua interferência (suas orações, seus testemunhos, sua “teologia”, até mesmo desviante do catolicismo doutrinário) provoca alterações que irão afetar os usos do sistema por outros fiéis. O sistema se expõe a essa interferência. Nesses casos, portanto, é o fiel também que diz e narra o religioso. Novos fiéis que visitarem as páginas poderão acolher a matéria inserida pelos demais fiéis (agora já como parte do sistema), e inserirão outras novas, dando continuidade à circulação comunicacional.

Em alguns casos, essa “matéria religiosa” inserida pelo fiel nos serviços online poderá ser remetida a ritos secundários offline: sai do sistema novamente em direção ao ambiente. No caso dos pedidos de oração, por exemplo, grande parte dos sites informam que o pedido será levado ao altar da missa, ou ficará na capela (territorializada) do sacerdote que também irá rezar por essas intenções, ou será, enfim, “reutilizado” em outro ritual, fora do ambiente online.

Em suma, abordamos aqui processos de fechamento do sistema que operam conjuntamente com processos de abertura, já que, especialmente nos sistemas vivos e sociais, não existem sistemas totalmente fechados ou totalmente abertos ao meio. Isso significaria a sua própria destruição, pois é necessário um equilíbrio entre a dimensão estática (conservação do sistema ao longo do tempo) e a dimensão dinâmica (variações do sistema ao longo do tempo). O que existem, portanto, são graus de abertura e de fechamento. Assim como uma fronteira (que proíbe e autoriza a passagem), um sistema abre-se para fechar-se (preservando a sua complexidade) e fecha-se para abrir-se (trocar, comunicar) (ver MORIN, 1997).

Considerações finais

O que podemos perceber, a partir de nossas análises, é que a fé praticada nos ambientes digitais aponta para uma mudança na experiência religiosa do fiel e da manifestação do religioso. Se a internet traz consigo novas formas de lidar com sagrado, é porque a religião como tradicionalmente a conhecemos também está mudando, e a “nova religião” que se descortina diante de nós nesse “odre novo” traz também um “vinho novo”¹⁰, que caracteriza a midiaticização digital (suas formas de ser, pensar e agir na era digital).

De um lado – temporalmente – os processos lentos, vagarosos e penosos da ascense espiritual (os “séculos dos séculos”, “até que a morte os separe”) vão sendo agora substituídos pela lógica da velocidade absoluta. Fomenta-se no fiel uma expectativa de onitemporalidade e de imediaticidade. Um ritual online pode (e deve poder) ser feito a qualquer momento e em qualquer lugar, independentemente dos demais membros da comunidade religiosa. O sistema se encarrega de mediar essa coparticipação e copresença.

A experiência religiosa também é marcada por uma nova espacialidade: a celebração feita do outro lado do mundo pode ser agora assistida pelo fiel em seu quarto. O fiel passa a ser visto também como coprodutor de sua fé, e a Igreja concede-lhe uma autonomia regulada, lhe deixa fazer a fé, desde que dentro dos parâmetros do sistema. Assim, “pode-se cair na ilusão de que o sagrado ou o religioso estão ao alcance do mouse”, ou seja, que o sagrado está “‘à disposição’ de um ‘consumidor’ no momento da necessidade” (SPADARO, 2011, p. 3, tradução livre). Cabe questionar se “conexão” e “comunhão” se equivalem, já que “a conexão, por si só, não basta para fazer da Rede um lugar de partilha plenamente humana” (SPADARO, 2011, p. 9, tradução livre).

Além disso, a fé digital traz consigo uma materialidade totalmente própria, numérica, de dígitos, que podem ser alterados, deletados, recombinados de acordo com a vontade do sistema. Esses bits de informação buscam reconstruir digitalmente a vivência e a experiência tradicionais do sagrado. Mas “a informação [...] não é conhecimento, pois o conhecimento é o resultado da organização da informação” (MORIN, 2011). Hoje, “temos excesso de informação e insuficiência de organização, logo carência de conhecimento. [...] A compreensão não está ligada à materialidade da comunicação, mas ao social, ao político, ao existencial, a outras coisas” (MORIN, 2011) que escapam ao midiático.

O que está em jogo é a “interação [...] dos indivíduos, mediada pela sua orientação comum ao que eles percebem como divino ou sagrado” (DAWSON, 2004, p. 75, tradução livre). A comunidade, assim, passa por transformações fomentadas pela internet. O fiel-internauta vive uma experiência de fé sem uma presença objetiva, mas sim com uma ausência subjetiva do “outro” (seja ele uma pessoa ou um lugar de culto): o fiel se sente “conectado” ao “outro”, talvez sem perceber toda a processualidade tecnossimbólica necessária para criar essa sensação, já que, na prática, ele lida com máquinas e números – e, sem estes, a interação se desfaz. Fortalece-se uma lógica do acesso, em que o pertencimen-

¹⁰ Referência ao trecho evangélico de Mateus 9:17, que diz: “Também não se põe vinho novo em odres velhos, senão os odres se arrebentam, o vinho se derrama e os odres se perdem. Mas vinho novo se põe em odres novos, e assim os dois se conservam.”

to-participação define-se pela “afiliação por navegação” (ver MARCHESINI, 2009); só faz parte dessa comunidade quem a ela tem acesso. A comunidade de fé não desaparece: ao contrário, o fiel dirige-se a ela, pede intercessão, partilha a sua vida com ela, mas é uma forma de comunidade segundo os protocolos do ambiente digital: fluida, “líquida”.

Por fim, ritualisticamente, novos fluxos começam a surgir: rituais offline reconstruídos midiaticamente, rituais online que são estendidos midiaticamente para o ambiente offline. Manifesta-se, assim, não apenas uma liturgia assistida pela mídia, mas também uma liturgia centrada, vivida, praticada e experienciada pela mídia. Instaure-se uma nova sacramentalidade, totalmente própria do ambiente digital. Quando um fiel experiencia o sagrado no ambiente digital, faz-se uso de um sensorium específico para uma “materialidade” reconstruída digitalmente, marcada principalmente pela visão e pelo tato.

Contudo, a manifestação do sagrado não se restringe a um único âmbito do humano. Por meio da midiaticização, revelam-se apenas algumas faces desse sagrado, que, porém, não se limita a elas. O sagrado escapa ao midiático. Mas, junto com o desenvolvimento de um novo meio, como a internet, vai nascendo também um novo ser humano e, por conseguinte, um novo sagrado e uma nova religião – por meio de microalterações da experiência religiosa da fé (e, por isso, em última análise, também da experiência humana). Como aponta Felice (2008, p. 57), a “sociedade mediada pelas tecnologias digitais e autoconstituídas através das redes tecno-sociais colaborativas” é uma “sociedade [...] em devir e, sobretudo, a código aberto, isto é, visível e transparente e aberta à participação colaborativa de todos”.

Poderíamos dizer que esse também é um “sinal dos tempos” da contemporaneidade, em que assistimos “a uma perda de influência, a uma perda do poder da instituição religiosa sobre os comportamentos religiosos” (LIPOVETSKY, 2009, p. 61). Isso não significa o desaparecimento da fé, mas sim “a individualização dos comportamentos”, em que, “cada vez mais, as pessoas compõem elas mesmas sua própria religião” (LIPOVETSKY, 2009, p. 61). Portanto, essa “sociedade a código aberto” aponta também para uma religião a código aberto, em que os fiéis, por meio de interações comunicacionais, se apropriam do religioso, reconstróem-no e representam-no socialmente. Um processo de “contaminação criativa [...], portador de uma ética não mais autoritária, mas tecnologicamente experimental e socialmente não duradoura” (FELICE, 2008, p. 58). Cabe a futuras pesquisas analisar as consequências desses desdobramentos.

Referências

BERTALANFFY, L. V. **Teoria geral dos sistemas**. Petrópolis: Vozes, 1977.

BOFF, L. **Experimentar Deus: a transparência de todas as coisas**. Campinas: Verus, 2002.

DAWSON, L. L.; COWAN, D. E. **Religion Online: finding faith on the internet**. Nova York: Routledge, 2004.

FAUSTO NETO, A. A igreja doméstica: estratégias televisivas de construção de novas religiosidades. **Cadernos IHU**, n. 7, 2004. Disponível em <<http://migre.me/8MaTy>>. Acesso em: 5 mai. 2012.

FELICE, M. D. **Do público para as redes**: a comunicação digital e as novas formas de participação social. São Caetano do Sul: Difusão Editora, 2008.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France. São Paulo: Loyola, 2008.

GOMES, P. G. O processo de midiaticização da sociedade e sua incidência em determinadas práticas sociossimbólicas na contemporaneidade: a relação mídia e religião. In: FAUSTO NETO, A. *et al.* (Orgs.). **Midiaticização e processos sociais na América Latina**. São Paulo: Paulus, 2008.

_____. **Da igreja eletrônica à sociedade em midiaticização**. São Paulo: Paulinas, 2010.

KERCKHOVE, D. D. **A pele da cultura**: investigando uma nova realidade eletrônica. São Paulo: Anablume, 2009.

LIPOVETSKY, G. Futuro da autonomia e sociedade do indivíduo. In: NEUTZLING, I.; *et al.* (Eds.). **Futuro da autonomia**: uma sociedade de indivíduos? Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2009.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LUHMANN, N. **Sistemi Sociali**: fondamenti di una teoria generale. Bolonha: Il Mulino, 1990.

MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1964.

MANOVICH, L. **The language of new media**. London: The MIT Press, 2000.

MARCHESINI, R. Uma Hermenêutica para a Tecnociência. In: NEUTZLING, I.; ANDRADE, P. D. (Orgs.). **Uma sociedade pós-humana**: possibilidades e limites das nanotecnologias. São Leopoldo: Unisinos, 2009.

MARTELLI, S. **A religião na sociedade pós-moderna**: entre secularização e dessecularização. São Paulo: Paulinas, 1995.

MORIN, E. **O Método 1**: a natureza da natureza. Lisboa: Publicações Europa-América, 1997.

_____. Da necessidade de um pensamento complexo. In: MARTINS, F. M.; SILVA, J. M. D. (Orgs.). **Para navegar no século XXI**: tecnologias do imaginário e cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2003.

_____. A comunicação pelo meio. **Blog do Juremir Machado da Silva**, 2011. Disponível em: <<http://migre.me/5CXIt>>. Acesso em: 5 mai. 2012.

PEIRANO, M. S. A análise antropológica de rituais. In: PEIRANO, M. S. (Org.). **O Dito e o feito**: ensaios de antropologia dos rituais. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

SCOLARI, C. **Hacer Clic**: hacia una sociosemiótica de las interacciones digitales. Barcelona: Gedisa, 2004.

SPADARO, A. Spiritualità ed Elementi per una Teologia della Comunicazione in Rete. In: Seminário do Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais para os Bispos do Brasil (SECOBB), 2011, Rio de Janeiro. **Anais**. Brasília: CNBB, 2011. Disponível em: <<http://migre.me/5CXQo>>. Acesso em: 5 mai. 2012.